

IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO NA CONSTRUÇÃO DE TERRITÓRIOS SOCIAIS NUM ASSENTAMENTO DO INCRA EM PARATY¹.

Margarita Rosa Gaviria M.²

Neste artigo, apresento algumas reflexões elaboradas sobre o processo social vivenciado pelos agentes sociais que interagem num assentamento do Incra (Taquari)³ em Paraty (RJ). No assentamento de Taquari, convivem, além dos beneficiários do Incra, atores sociais com formas de inserção social diferente. Neste cenário, observam-se confrontos que resultam da disputa pela forma de utilização do espaço e pelo controle de instâncias decisórias da vida local. Disputa da qual participam, também, órgãos governamentais - entre eles, o Incra, o Ibama e a Prefeitura de Paraty.

Para abordar o processo social, que resulta da convivência entre atores sociais, com formas de inserção social e interesses diferentes, centro as observações nos agentes. Procuo demonstrar, a partir da análise de elementos identitários, acionados pelas diferentes categorias sociais para demarcar fronteiras e das representações em que se fundamentam as diversas práticas no espaço, de que maneira as diversas posições e formas de utilização desse espaço se sustentam em simbologias culturais em torno do ambiente natural e social.

¹ Este artigo é baseado nos resultados da minha tese de doutorado no CPDA (UFRRJ) que está em fase de elaboração.

² Margarita Rosa Gaviria, doutoranda do Curso de Pós Graduação em Desenvolvimento e Agricultura (CPDA), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Bolsista da Capes.
e-mail: gavidom@futurusnet.com.br

³ O assentamento limita com o Parque Nacional da Bocaina, o qual leva a ser considerada área de preservação ambiental.

Elementos identitários.

Na análise dos elementos identitários selecionados como referencial das posições sociais em Taquari, reconheço o caráter reflexivo da identidade, já que é um meio dominado pela diversidade em termos de contatos, diferenças e disputas que colocam cada sujeito, diante dos outros, individualmente e sem “comunidade” de pertencimento fixo, exclusivo ou definitivo. Este panorama social conduz à criação de uma identidade (individual ou coletiva) múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada, mais como uma busca do que como um fato. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são sempre reverenciadas ao redor de um “eu” coerente. Portanto, evidencia-se em cada sujeito identidades contraditórias empurrando em diversas direções, de modo que suas identificações estão sendo deslocadas (Hall, 2001). Dentre estas identidades, no universo social de Taquari, analiso as construídas com base na origem espacial, no significado da família, na atividade agrícola e na religião.

De um modo geral, em Taquari, distinguem-se duas categorias de sujeitos, as quais correspondem à divisão social entre o grupo de residentes instalados na localidade há duas ou três gerações, os “nascidos e criados,” e os de “fora”. “Nascidos e criados,” como seu próprio nome indica, é a categoria usada para se identificar socialmente os que nasceram e se criaram na localidade de Taquari. Nesta categoria, se inserem os gestores das lutas pela terra que deram lugar ao assentamento, representa os antigos posseiros da fazenda; ou, em alguns casos, seus descendentes. Na atualidade, a identidade é construída em torno do vínculo natural com a terra que resulta do fato de serem nascidos e criados na localidade; inclusive, alguns apontaram para uma ligação maternal com a terra, por “ter o umbigo enterrado na terra”, o que significa socialmente, “ficar na terra para sempre” e livres de “maus costumes”. Este costume simboliza a incorporação da pessoa a um espaço físico, social e cultural desde o seu nascimento. Deste modo, a relação com o espaço é mediada por uma simbologia cultural em torno do ambiente rural, por sentimentos e por uma história comum, que são acionados para dar identidade ao grupo.

Por outro lado, “de fora” é uma categoria de identificação social que designa e auto-designa aquelas pessoas de origem social diferente aos “nascidos e criados”. Entre os

de fora há também uma divisão social determinada pela origem espacial e pelo tipo de inserção na rede de relações sociais. Distinguem-se os procedentes de outras zonas rurais, os neo-rurais⁴, os que têm residência secundária⁵ e os turistas. Neste artigo, estarei tratando apenas dos de “fora,” que estabeleceram sua moradia em Taquari, com os quais os “nascidos e criados” estão em interação permanente.

Vale notar que essa identidade construída a partir da origem espacial se expressa em relações de alteridade articulando outros elementos, entre os quais sobressaem a família, a agricultura e a religião, que se constituem em estruturantes da vida social. Sendo que os elementos identitários acionados para se posicionar em relação à família, à agricultura e à religião, diferem entre as categorias.

1.No que respeita à família, o nome da família e a ampla rede de parentesco são elementos reiterados pelos nascidos e criados para definir seu pertencimento à localidade e, em consequência, para demarcar fronteiras com os de “fora”. O nome de família e a rede de relações de parentesco são evocados pelos nascidos e criados como fatos que definem a inclusão na categoria. Ambos (o nome e a rede de parentesco) constituem-se em recursos de diferenciação e de poder em Taquari por parte dos nascidos e criados. Um dos indicadores do poder social é a extensão da rede de parentesco na localidade. Quanto maior o número de membros inseridos na família, maior o poder social da família. Poder social que se expressa no significado social do nome da família.

Neste sentido, a família como valor é uma referência identitária para os nascidos e criados, na medida em que a localidade foi constituída e a constituem atualmente os membros de sua família. Na reiterada afirmação dos nascidos e criados de que “é tudo família”, subjaz a idéia de que além do vínculo social, há um vínculo biológico com Taquari.

⁴ Seguindo a definição de Giulani, os neo-rurais são um setor da população urbana que faz in vestimento no campo.

⁵ Uma das transformações na relação rural/urbana é que o meio rural passa ser cena social secundária da população urbana. Ver Chamboredon (1987).

Já os de “fora,” identificam-se com um estilo de vida no qual a família é sustentáculo das relações sociais. A família, neste contexto, não representa necessariamente laços de sangue, não evoca laços de parentesco ampliado e sim a família nuclear, que muitas vezes se constitui em unidade de trabalho. Para os de fora, num contexto de relações mais amplas, a família é um valor reiterado para qualificar relações sociais, como as estabelecidas entre os membros de uma igreja, ou com vizinhos e amigos próximos. Concebe-se que as pessoas reunidas na igreja conformam uma família, um vizinho próximo é como um irmão, ou seja, os valores que definem a família regem as relações sociais estreitas.

2. Em relação à agricultura, um dos aspectos que os nascidos e criados sublinham é o passado agrícola narrado através das plantações de banana. A banana representa um elemento identitário, ela é marcante na identidade dos nascidos e criados, não só por ser uma atividade produtiva, senão porque, através dela, definem-se práticas sociais e valores construídos na localidade. Quer dizer, “a banana”, pelo que ela representa, constitui-se símbolo de identidade com a localidade, já que, além do que vincula o passado agrícola ao presente da produção diversificada - sua crise leva à implantação de outras atividades - é um símbolo do natural, um elemento da paisagem, delimita os direitos das pessoas sobre a terra, no sentido que as posses de cada beneficiário do Incra foram definidas de acordo com a área da plantação de banana. Os direitos que eles possuem sobre as terras que usufruem hoje, de diferentes formas, foram estabelecidos com base nas plantações de banana. O que media a área a que cada um tinha direito era a área de plantação de banana.

Por sua vez, os de fora salientam o significado da atividade agrícola em si, valorizam o que esta representa em termos de atividade econômica e de estilo de vida. A identidade com a agricultura se observa, principalmente, no papel que a atividade desempenha. Maior parte do tempo de trabalho é dedicado à agricultura - em alguns casos desenvolvem outros serviços. Contudo, nem sempre há correspondência entre este significado da atividade agrícola e os “de fora”, em vista de que, em algumas circunstâncias, dentre os atores sociais que realçam o valor da agricultura como atividade econômica e como estilo de vida, alguns se inserem na categoria dos “nascidos e criados”.

Trata-se de atores sociais que -independentemente da origem social- se identificam como “lavradores” e vivem como tais. Estes argumentam cheios de orgulho que são os únicos da localidade que conseguem *viver da terra*, destacando, assim, sua identidade social como agricultores.

Os lavradores orgulham-se de “viver da terra,” pese as dificuldades. Apontaram para o estresse e o deterioro físico causado pelo trabalho na agricultura. O sofrimento e as dificuldades próprias de quem vive da terra, os consideram inatos à vida do agricultor e os evocam como referencia identitária. Sob esta ótica, é uma identidade marcada por sentimentos negativos, porém, valorizam a vida do agricultor, já que, através da lavoura, eles obtêm seus alimentos. O sofrimento e as dificuldades são compensados pelo fato de poderem se alimentar do fruto que plantam.

3. Quanto à religião, num plano geral, na localidade de Taquari, as diferenças sociais podem ser observadas na divisão entre “crentes” e “não crentes”. Cada um constrói suas identidades de acordo com a participação religiosa. Participação evidente na adoção de certos comportamentos, fundamentados em crenças e símbolos que os distinguem. Crenças e símbolos que interessam, pois, como disse Novaes (1997), são matéria-prima para a construção de identidades, que motivam e respaldam as disputas pelas diferentes formas de inserção na localidade. Essas diferenças correspondem a diversas vias exploradas pelas igrejas para se posicionar na localidade de Taquari.

Entre os católicos - ou “não crentes”- a identidade religiosa é construída numa relação de alteridade com os “crentes,” em torno de três questões: a “tradição”, o estilo de vida, e a “liberdade”. A igreja católica representa a religião “tradicional” na localidade, antes da chegada dos crentes, há uns 15 anos, os nascidos e criados (a população em geral), em Taquari, eram todos católicos. Os que ainda não romperam com essa igreja destacam seu vínculo religioso pela vontade de dar continuidade aos princípios com que foram criados. Entre estes aspectos está a devoção aos santos. Assinalam, também, a “liberdade” de agir que caracteriza esta igreja, eles identificam-se com esta religião pois são “mais livres para atuar”, podem fumar e beber sem restrições.

Uma outra questão com que se identificam os não crentes é com certas formas de diversão (farrós, futebol e bares) e com um modo de se vestir (não há restrições na forma de se vestir).

Estes elementos de identificação dos católicos conduzem à criação de espaços de diversão e ação exclusivos a eles, torna-se então um território social que exclui os crentes pois estes últimos constroem sua identidade em oposição aos católicos.

Em relação às igrejas dos crentes em Taquari, observo três elementos que sustentam a identidade religiosa, estes são: o poder de transformação, a organização social em comunidade e o estilo de vida. Primeiramente, um dos fatos que tem levado os nascidos e criados a se vincular à igreja dos crentes é o poder de transformação que lhe é atribuído a esta igreja. A opção pela igreja dos crentes surge como uma saída às crises sociais e existenciais causadas por pessoas que têm um comportamento desviante. São mencionados principalmente os alcoólatras.

Os crentes identificam-se com uma vida em “comunidade religiosa” integrada por pessoas de fora e por alguns dos nascidos e criados que romperam com o estilo de vida “católico”. Esta comunidade está associada a um estilo de vida, nela há uma “lei”⁶, seguir a lei consiste em respeitar as proibições estabelecidas em relação a algumas práticas sociais no cotidiano - permissivas entre os católicos. Igualmente, entre os crentes, existe um controle sobre a participação nos cultos, a frequência com que visita a igreja e o seguimento das regras.

Em suma, a cisão originária entre nascidos e criados e os de fora, estabelecida pelo tipo de inserção social ao espaço físico e social - que define uma identidade primária - é desconsiderada quando se constroem territórios sociais em torno de outros elementos identitários. Territórios nos quais, os valores culturais da família, da atividade agrícola e da religião são utilizados para demarcar fronteiras sociais; portanto, estes valores são

⁶ Categoria usada para referir-se as regras sociais impostas pela religião dos crentes.

o suporte das posições no espaço. Posições que se expressam nas práticas e representações assumidas pelos atores sociais no espaço.

Representações do espaço

Como tenho mostrado até agora, na localidade de Taquari interagem categorias sociais com realidades distintas. Realidades construídas nas práticas e representações dos atores sociais em torno do espaço, de uma maneira reflexiva⁷. Quer dizer, as representações são manipuladas para justificar as ações, as ações modificam as representações, e nessa relação entre ações e representações *do* espaço e *no* espaço se constroem territórios.

Dirigindo a atenção para Taquari, observa-se uma interdependência entre os espaços, já que são várias categorias sociais interagindo de maneiras diferentes num mesmo espaço. São representações diferenciadas, que significam, entre outras, que a percepção social do ambiente não é feita somente de representações das limitações materiais ao funcionamento da economia, mas igualmente de juízos de valor e crenças.

As representações do espaço em Taquari aludem principalmente ao poder, à produtividade e ao meio ambiente. A análise revela um confronto entre representações e usos do espaço dos diversos atores sociais, na medida em que eles assumem posições diferentes em relação ao uso do espaço em Taquari. Posicionamentos sustentados em concepções específicas do rural, que em alguns contextos se confrontam. Assim, para o Incra, o espaço rural de Taquari, representa um espaço de poder institucional; este Instituto define as regras e limites sobre os usos do espaço apoiado no poder que detém. Mas o poder do Incra entra em confronto com o poder social dos beneficiários das terras do Incra, porque o poder destes últimos se fundamenta no vínculo social e cultural com a terra que habitam e usufruem.

Uma das formas dos moradores usufruírem a terra é produzindo. O espaço é produtivo para os atores sociais que compõem o universo de Taquari. Na destinação

⁷ Desta perspectiva e seguindo Godelier (1984), as idéias não são instâncias separadas das relações sociais. O pensar é colocar em movimento a matéria: a idéia é uma realidade sensível.

produtiva do espaço rural se encaixam lavradores, comerciantes, prestadores de serviços e o Inca.; atores sociais entre os quais há confrontos porque defendem interesses diversos.

À exceção do Inca - que apenas prega (não desempenha) um determinado uso produtivo - os outros atores sociais, embora de formas diferentes, realizam práticas produtivas no espaço. No caso dos “lavradores,” eles posicionam-se no espaço em defesa das práticas agrícolas. Apesar das dificuldades, os lavradores sentem orgulho de viver da terra. Em contraposição aos que defendem o uso da terra para a produção agrícola, está a posição dos que se apropriam do espaço para desenvolver atividades comerciais (bares e pousadas, mercado). Empreendem atividades turísticas, prestam serviços na construção civil ou em outros serviços derivados da presença da população flutuante.

Por outra parte, há um setor da população fixa e temporária - os nascidos e criados e as pessoas de fora (turistas, residentes secundários, residentes permanentes) - que valoriza e se apropria do espaço para consumo. Desta última posição, as subjetividades e representações do espaço, elaboradas pelos atores sociais, levam em consideração a proximidade com a natureza.

Sob esta ótica, a natureza, como afirma Mathieu (1990), “não é apenas suporte da atividade agrícola, mas uma natureza pluridimensional, onde os elementos, água, ar, terra...retomam importância, tanto quanto a noção de ecossistema” (p.40). Essa valorização é qualificada nas pesquisas sobre o meio rural como um “campo reinventado”, uma “neonatureza.”⁸

Por fim, associado à questão da natureza, dentro da lógica de usos do espaço, outro elemento que intervém é o meio ambiente. O meio ambiente é entendido como bem coletivo e corresponde ao cenário da natureza com o qual convivem os atores sociais num mesmo espaço. Sendo que, os critérios de valor do “meio ambiente” não são

⁸ Esse conceito de neonatureza é usado por Wanderley apoiada no trabalho de Marié e Virard (1988). A autora argumenta que os trabalhos de Chajánov e Mendras seguem a mesma linha.

unânicos entre os atores sociais. Dentre estes atores sociais, abordo aqui as posições do Ibama e da localidade que, de uma perspectiva relacional se opõem. Enquanto o Ibama impõe o projeto do Parque como área desabitada e a ser preservada, a população justifica suas práticas na área de preservação ambiental apoiada na tradição.

Assim pois, interesses em torno do meio ambiente, de poder e de produtividade são fatores centrais na configuração dos usos do espaço - embora entre os atores sociais que se posicionam em defesa desses elementos possa haver confrontos, porque as concepções de poder, de produtividade e de meio ambiente diferem. Mas, como tenho apresentado sumariamente neste artigo, os valores culturais, sustentados em éticas religiosas, familiares, vinculadas a um estilo de vida agrícola, junto com as concepções do espaço, aproximam a maneira como é vivenciado pelos atores sociais o embate entre interesses diferentes em torno do mesmo ambiente. Trata-se de uma análise que se sustenta na desconstrução de representações do ambiente restritas apenas às limitações materiais que afetam a economia.

Bibliografia

- Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand Brasil, 1989.
- _____. - A propos de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 100, déc. 1993. pp: 32-36.
- Brandão, Carlos Rodrigues. *O Afeto da terra*. Campinas , Editora da Unicamp, 1999 .
Campinas, São Paulo
- Chamboredon, Jean Claude. *Les Usages urbains de l'espace rural: du moyen de production au lieu de récreation*. In *Revue Française de Sociologie*, jan- mar, nº XXI p. 99-121, 1980.
- Giuliani, Gian Mario. Neo-ruralismo: o novo estilo dos velhos modelos. *RBCS/ANPOCS*, No. 14, ano 5, outubro de 1990.
- Godeleir, Maurice. *L'idéal et le matériel*. Libraire Arthème Fayard, 1984.
- Gonçalves, Camila. O turismo e a reconstrução social do espaço rural: o Causo do Arraial da Conceição do Ibitipoca (MG). Dissertação de mestrado, CPDA (UFRRJ), 2001.
- Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6ª edição, Rio de Janeiro. DP&editora. 2001
- _____. Old and new identities, old and new ethnicities.. In: *Culture, Globalization and the world system*. University Macmillan, University of New York, 1993.
- Moreira, Roberto e Gaviria, Margarita Rosa: Territorialidades, ruralidades e assimetrias de poder na comunidade de Taquari, In: *Estudos Sociedade e Agricultura*, CPDA, Rio de Janeiro No. 18, 2002.
- Novaes Reyes, Regina. *Do Corpo e alma. Catolicismo, classes sociais e conflitos no campo*. Graphia Editorial. RJ Brasil, 1997.
- Wanderley, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. In *Estudos Sociedade e Agricultura*, nº 15, 87-146, outubro, 2000.